



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

A SOMBRA KITSCH NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: concepções sobre a interdisciplinaridade identitária e epistêmica

THE KITSCH SHADOW IN INFORMATION SCIENCE FIELD: conceptions about the identitary interdisciplinarity and epistemologic interdisciplinarity

Sérgio Rodrigues de Santana, Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Maytê Luanna Dias de Melo, Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Edivanio Duarte de Souza, Universidade Federal de Alagoas (UFPB)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A fugacidade e a acrítica demarcam a Ciência da Informação, através do Kitsch, esse que é uma filosofia, força criativa fugaz e acrítica. Analisou-se a interdisciplinaridade na Ciência da Informação focando o Kitsch como impureza da interdisciplinaridade. Teve abordagem hermenêutica e qualitativa, e tem o método compreensivo-descritivo-interpretativo, com fio teórico na Psicanálise do Conhecimento Científico e representação da informação. O Kitsch atravessa a Ciência da informação e se apropria da interdisciplinaridade e a caracteriza como objeto da felicidade.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Kitsch; Epistemologia; Ciência da Informação; palavras e imagens esponjas.

Abstract: Fugacity and as well as uncriticism are values that demarcate the information Science, it is a philosophy and a uncritical creative force and fleeting. It aims to analyze interdisciplinarity in Information Science field, and to do it focusing Kitsch as an impurity. This work adopted hermeneutic and qualitative approach, and has the comprehensive-descriptive-interpretive method, with a theoretical thread in the Psychoanalysis of Scientific Knowledge as the focus on the representation of information. Kitsch crosses Information Science field and appropriates interdisciplinarity and characterizes it as an happiness object.

Key-words: interdisciplinarity; Kitsch; Epistemology; Information Science; sponges words and images.

1 INTRODUÇÃO

A fugacidade e a acrítica são valores que marcam a Sociedade da Informação e tem refletido sobre a produção dos objetos científicos. Na Ciência da Informação, é preciso destacar o Kitsch como expressão destes valores, pois ele é uma filosofia, força criativa fugaz e acrítica que se expressa às vezes por imagens e palavras simples, e outras vezes por imagens e palavras caóticas, assim ele acaba fazendo o caminho inverso à ciência (KAESER, 2013).

Uma suspensão epistemológica torna-se importante por duas condições. A primeira caracteriza a fugacidade que reflete sobre as (inter)subjetividades científicas e as representações expressadas por estas (inter)subjetividades que ocorrerem através da representação da informação que se expressa através das oralidades científicas, das linguagens, das terminologias, dos conceitos, e, especialmente, de imagens e palavras simples que limitam e confundem. A segunda configura a crítica como um mecanismo epistêmico para uma abertura da *psique* quanto às suas cavernas onde habitam sombras que compõe as (inter)subjetividades. Para Bachelard (1996), a crítica é um mecanismo integrante do novo pensamento científico e do avanço científico, e distancia a ciência da fugacidade e à acrítica que refletem negativamente as (inter)subjetividades contemporâneas, pois dela se estabelece pensamento inquieto que faz emergir no sujeito pesquisador a desconfiança das identidades mais ou menos aparentes na ciência.

O Kitsch não é de diminuído como expressão artística e filosófica, porém ele emerge como gatilho para demarcação quanto às *gaps* epistêmicas da interdisciplinaridade. Problematisa-lo através do objetivo dessa comunicação no âmbito do rigor científico da Ciência da Informação se dá pela importância da interdisciplinaridade como orientação epistêmica. Para Souza e Dias (2011) o desenvolvimento de estudos que dão cobertura aos elementos que interferem na prática interdisciplinar e também na compreensão das implicações decorrentes dela tem sua importância.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

O trabalho teve abordagem hermenêutica e qualitativa, e, a **hermenêutica** se debruça sobre os conteúdos manifestos/visível e latentes/invisível, e a faceta **qualitativa** visualiza o caráter (inter)subjetivo, uma vez que se avaliou uma ciência (SOUZA, SANTIN, SCHARDONG, 2012). Tem o método **compreensivo-descritivo-interpretativo**, Masini (2004) o descreve como uma estratégia para novas compreensões sobre um fenômeno outrora investigado, especialmente, quando se destaca a Ciência da Informação e sua condição poliepistemológica que envolve fenômenos transitórios que orbitam a Ciência da Informação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000). A dimensão **descritiva** se refere à definição densa e detalhada dos fenômenos no seu contexto natural, descrevendo as essências das palavras e as imagens esponjas (representações esponjas), Kitsch e a interdisciplinaridade. Para Mendes Júnior e Ferreira (2010), a dimensão **compreensiva** se refere ao pesquisador enquanto sujeito

compreensivo livre e orientado por meio da reflexão ponderada (MENDES JÚNIOR; FERREIRA, 2010). A dimensão **interpretativa** reflete a ação do pesquisador ao sair da noção de mensuração para compreender a realidade e (inter)discurso.

A **psicanálise do conhecimento científico** examina os valores impuros das imagens ingênuas para promoção da teoria da abstração científica sadia e dinâmica (BACHELARD, 1996). E destaca: **a)** a individualidade do pesquisador quanto à vida psíquica na formação dos interesses, das intenções e comodidades quanto à interdisciplinaridade; **b)** suspensão dos aspectos valorativos científicos do pesquisador que potencializam os interesses, as intenções e comodidade; **c)** retorno às coisas primeiras, quanto às primeiras concepções sobre a identidade/unidade científica da Ciência da Informação.

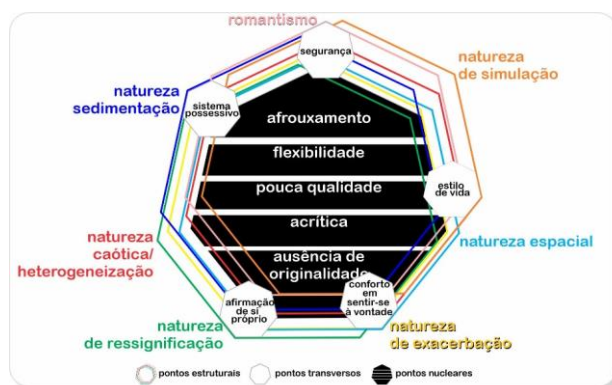
Para Sales, Albuquerque e Pinto (2018), os estudos da compreensão da representação da informação podem se debruçar sobre as questões linguísticas-epistemológicas. Neste estudo, a **representação da informação** sobre a linguísticas versa de **a)** suspensão das representações esponjas por meio das palavras e imagens simples que limitam a construção do conhecimento; e **b)** suspensão dos discursos e interdiscursos científicos escritos e orais, duas variações linguísticas distintas, mas que devem estar em consonância na construção do conhecimento. Enquanto a **Epistemologia**, destaca-se: **a)** reflexão do que já está definido psicologicamente na ciência **b)** destaca a informação na base dos conteúdos latentes, assim destacando as palavras e imagens simples enquanto conteúdos manifestos na construção dos discursos e interdiscursos científicos.

3 O FENÔMENO KITSCH EM SUAS DIMENSÕES TANGÍVEL E INTANGÍVEL

A palavra Kitsch foi usada pela primeira vez em 1888, e difundida em 1930 com as formulações dos críticos Theodor Adorno, Hermann Broch e Clement Greenberg (MOLES, 1975). Derivado do verbo alemão *kitschen* / *verkitschen*, corresponde ao português o verbo trapacear, vender alguma coisa em lugar de outra, e enquanto derivação do inglês *sketch*, essa a significa esboço. *A priori* o Kitsch foi uma reposta das classes desfavorecidas em relação à elite, para se assemelhar ao seu modo de vida, porém, e, atualmente o Kitsch se apropriou das psiques dos sujeitos da elite na perspectiva dos exageros e das ostentações. Ele é uma característica do mundo pós-moderno, assim sendo ao mesmo tempo um fenômeno pós-moderno (SÊGA, 2008). Com dinâmica da pós-verdade ele se aproveita dos

traços primitivos humanos, em que os fatos objetivos têm menos influências que os apelos das crenças pessoais.

Esquema 1 - Pontos estruturais, nucleares e transversos do Kitsch



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

O Kitsch pode ser focado por qualquer perspectiva, é um fenômeno que pode ser tangível, como um objeto de arte e consumo, e, também intangível, como o desejo do objeto inacessível, um desejo mentalmente aliviado pelo objeto simulado. Conforme a Esquema 1, o Kitsch é atravessado pelas forças estruturais: **natureza de simulação, natureza de exacerbação, natureza espacial, natureza de ressignificação, natureza caótica/heterogeneização, natureza de sedimentação e romantismo**. Isso significa que um fenômeno se caracteriza kitsch quando o objeto apresenta pelo menos uma destas estruturas. O kitsch também apresenta pontos nucleares, um elemento que vai ser sempre a essência do objeto kitsch, a saber o: **afrouxamento, flexibilidade, pouca qualidade, acrítica e ausência de originalidade**. E por fim, o Kitsch apresenta os pontos transversais: **segurança, sistema possessivo, afirmação de si próprio, conforto em sentir-se à vontade e estilo de vida**, que são as sensações e percepções que regulam os pontos estruturais e nucleares.

Na Figura 1, Sêga (2008) e Wajnman (2019) destaca sua **natureza de simulação** (Transformações do sentido original), como a falsificação de uma obra/objeto, quando um sujeito que compra quadro e peça de roupa falsificados, assim ele experimenta um gozo promovido por aquisição de um objeto falso do desejo material. Sêga (2008) destaca a **natureza de exacerbação** como um exagero expressado na linguagem visual e verbal, cores afetadas e adjetivos dramáticos que ganham a dimensão de brega ou cafona no âmbito no senso comum. Há também a sua **natureza espacial**, o preenchimento de espaço errado,

pregadores de roupas, ou outros objetos usados em outros espaços e função. E **natureza de ressignificação** (transposições de um meio a outro), que difere da natureza espacial, pois houve o uso original *a priori*, como as garrafas de vinho que são usadas como castiçal.

Figura 1 - Pontos estruturais



Fonte: Pesquisa, 2021.

Wajnman (2019) destaca a sua **natureza caótica/heterogeneização**, refere ao o empilhamento dos objetos sem noção de classificação ou seleção, objetos diversificados e empilhados. E destaca também a **natureza de sedimentação**, sendo produto de um vagaroso desenvolvimento que visa o empilhamento em si do que um projeto que visa o significado/objetivo de um conjunto, ou seja, a lógica os acumuladores. Harte e Newton (1997) destacam o **romantismo**, a prática tendenciosa de fundamentar as atitudes e as posturas nas emoções, nos sentimentos e nas afetividades em oposição à reflexão e à razão.

Igualmente, os pontos estruturais são refletidos pelos pontos transversos como demonstra o Esquema 1, em que esses pontos desenharam o Kitsch como efêmero, característica que vai de encontro à filosofia do “nada se cria, mas, transforma” do Francês Antoine Laurent Lavoisier. Pois, nesta ideia, não há sofrimento porque não há prisões, devido às forças nucleares, o que inclui o afrouxamento, a flexibilidade, a dimensão de pouca qualidade, a acrílica e a ausência de originalidade, fenômenos de uma psique inerte, que promovem a felicidade (MOLES, 1975).

Segundo Moles (1975), essa felicidade Kitsch remete aos valores que estão ligados e, ao mesmo tempo, que compõem a ideologia dos sujeitos inseridos na sociedade de massa que atravessam os pontos estruturais, na perspectiva e aspiração de mundo ideal do sujeito, tais como os pontos transversos: “**1) segurança; 2) afirmação de si próprio; 3) sistema possessivo; 4) conforto em sentir-se à vontade; 5) ritual de um estilo de vida [...].**” (SÊGA, 2008, s/p).

O Kitsch como força criativa fugaz e acrítica atravessa qualquer campo, Clement Greenberg em seu ensaio *The Avant-Garde and Kitsch* de 1939, o Kitsch atravessa também a ciência, esclarecendo todo kitsch é acadêmico, e, inversamente, tudo o que é acadêmico é kitsch, pois a ciência não existe independente (GREENBERG,1997). Pode-se ver que na Ciência da Informação o pensamento de Clement Greenberg fica muito demarcado, especialmente quando há distração do cuidado epistêmico, e por consequência Kitsch passa a ter o potencial de delimitar a interdisciplinaridade como imagem e palavra esponja.

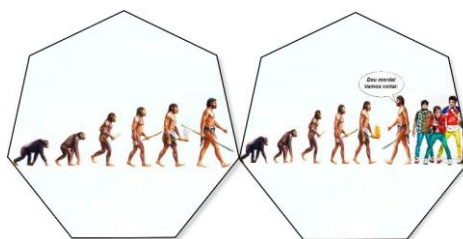
4 REPRESENTAÇÕES ESPONJAS NA APREENSÃO E NA EXPLICAÇÃO DOS FENÔMENOS

A representação da informação é uma estratégia utilizada para acomodar na estrutura cognitiva unidades mentais analógicas e imagéticas de objetos, situações, sensações e relações (THÁ, 2004). No campo científico, a representação da informação toma sentido de campo de estudos, de técnica e de procedimento, o que se deve considerar esse cuidado mais acurado, a ciência objetiva instanciar para transferir/disseminar a informação para uma massa de sujeitos que as utilizam como insumo para modelar o comportamento, inspirar e/ou orientar a ação dos sujeitos, dos grupos e da sociedade.

Para Thá (2004), a representação pode ser imagética, quando feita a partir de imagens, como linguística, se ela é feita com palavras, o que torna a representação da informação científica linguística, pois ela usa resumos, palavras-chave, indexadores, buscadores, termos e os conceitos quanto à descrição do objeto e ao conteúdo deste objeto. Essa estratégia se insere dentro dos aspectos da terminologia, epistemologia e da certificação, assim seus usos são descortinados do senso comum e também da vida psíquica íntima/pessoal, pois delas podem emergir imagens mentais imóveis e superficiais.

Confúcio formulou o pensamento de que uma simples imagem vale mais que mil palavras, uma expressão popular e usual no ramo do *marketing* e que ganhou força no ciberespaço. Porém, é preciso estar atendo quanto à aplicação desta filosofia fácil que dimensiona as palavras e as imagens esponjas no campo científico.

Para Bachelard (1996), o uso da imagem e palavra esponja pode imobilizar o pensamento científico, quando essa única imagem e palavra constitui toda a explicação, como demonstra a Figura 3, que resume toda Teoria da Evolução. Assim o espírito é alucinado “[...] por uma potência substancial.

Figura 2 – Representações Esponjas

Fonte: Pesquisa, 2021.

A função da esponja é de uma evidência clara e distinta, a tal ponto que não se sente a necessidade de explicá-la.” (BACHELARD, 1996, p. 91). O método esponja de representação acaba por promover um obstáculo epistemológico intitulado por Bachelard (1996) de verbal, uma única imagem e/ou palavra fugaz e acrítica que dispensa mil palavras, que podem constituir um argumento e uma justificativa. As palavras e as imagens esponjas podem ser compreendidas como imagens/palavras simbólicas que são essencialmente contidas de ideologias sacras, como imagens/palavras estéticas que proporcionam sensações de prazer, de felicidade e de satisfação, menos reflexão (AUMONT, 2012).

As palavras e imagens esponjas tomaram novos contornos na Sociedade da Informação, como a *iconorreia* e cultura meme, conforme a Figura 2. Candau (2012) chama atenção para este momento, no que se refere ao fluxo vertiginoso de informação e à diversidade de símbolos e de ícones. Para ele, a profusão de ícones desenha momento digital paradoxal por bombardeamentos de imagens e de símbolos de forma rápida, fugaz e vertiginosa. A estrutura cognitiva se esforça para selecionar e memorizar o que é de fato relevante. No que se refere ao meme, Damasceno (2020), afirma o meme apresenta superficialidade informacional, embora utilizado também para comunicar os mais diversos fenômenos, entre sentimentos, fatos, mitos, pós-verdades, *fake news*. Assim, a mesma imagem que resume toda Teoria da Evolução, ganhou *status* de meme, que reduz ainda mais a capacidade de reflexão. Tanto a *iconorreia* como a cultura meme simplificam e tornam mais fácil entendimento do que é transmitido, ou seja, são marcadas por interpretação fácil, inequívoca e imediata, com gratificação e instantaneidade, dispensando qualquer esforço intelectual, esses que são valores do kitsch. No que versa a premissa básica de Confúcio, quando aos agentes da Ciência da Informação representam seu campo científico emergem as imagens e palavras: ‘ciência pura’, ‘ciência social’, ‘pós-moderna’, e até o adjetivo ‘jovem’ nos discursos informais, e especialmente, a ‘interdisciplinaridade’,

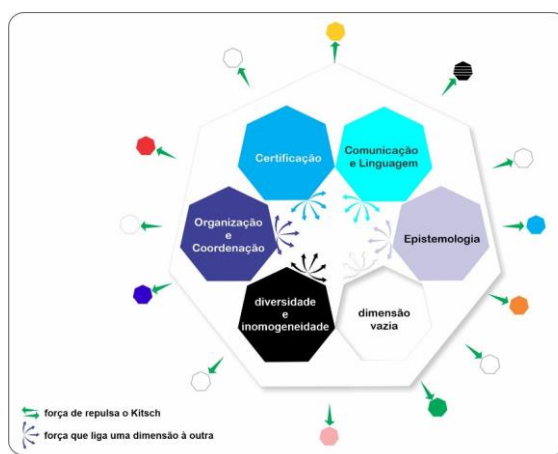
assim os agentes se predem às imagens e palavras. Bachelard (1989) destaca o episódio em que homem primitivo se apegou a beleza do fogo, do que à sua explicação, e em tese esse fato ocorre na Ciência da Informação através de mantra, sem esforço intelectual, decorado e sem se incomodar de aprofundá-los, nem mesmo com um conceito destrinchado, analisado e criticado, uma postura essencialmente baseada em uma concepção Kitsch.

Isso quer dizer que é um equívoco citar essas características da Ciência da Informação, elas delimitam a identidade da Ciência da Informação, mas para quem é de fora não entende essas características não prozem significados sobre a área, especialmente com novos pesquisadores que vem de outras áreas. É preciso que estas representações se tornem imagens e palavras epistemológicas ao qual destaca Aumont (2012). As imagens e palavras epistemológicas comunicam algo a mais além das representações superficiais e reducionistas, elas são carregadas de conteúdos latentes, o que conteúdos manifestos.

5 DIMENSÕES DA INTERDISCIPLINARIDADE

A interdisciplinaridade integra dimensões norteadoras/protocolares que dirigem mentalmente os pesquisadores para a prática do fazer científico.

Esquema 2 - Dimensões norteadoras da Interdisciplinaridade



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Teixeira (2004) cita dimensões que podem fortalecer a análise epistemológica acerca da interdisciplinaridade, assim se tornando imperativo na Ciência da Informação, pois ao considerar o Kitsch neste contexto, se parte do pressuposto de Saracevic (1992) segundo o qual a interdisciplinaridade é um fenômeno que se encontra em constantes transformações, e,

assim sendo, considera-se a vigilância crítica quanto a estas transformações e modificações como potencializadoras das sombras Kitsch sobre a interdisciplinaridade.

Destaca-se a **‘organização e coordenação’** – diz acerca da autoridade de um coordenador, em que todas as preocupações, os interesses e os *status* hierárquicos dos pesquisadores envolvidos devem focar a pesquisa comum a todos. Deve se pensar um calendário único das atividades de pesquisa, destaca-se o fluxo de informação entre pesquisadores como também os fluxos informacionais das instâncias científicas, hierárquicas e administrativas. Nessa dimensão, reflete-se também sobre o tamanho da equipe ajustando-se na medida do desenvolvimento da problemática da pesquisa comum. Destaca-se a formação dos pesquisadores para o trabalho coletivo, a animação e a síntese dos trabalhos. Além disso, consideram-se a intersecção nos conflitos e a explicitação das controvérsias entre as disciplinas (TEIXEIRA, 2004).

Quanto à **‘comunicação e linguagem’**, devem-se observar os desafios da comunicação entre pesquisadores de disciplinas diferentes, em que as terminologias e os conceitos científicos formam o cerne da metodologia de pesquisa.

No que aborda à **‘certificação científica’** - se refere à avaliação científica entre os pares, onde a crítica assume um papel o fundamental quanto à dimensão interdisciplinar, para pensar na necessidade de realizar estudos para repertoriar estes critérios. Em outras palavras, é preciso construir um inventário dos preceitos internos como ponto de partida no campo interdisciplinar. Deve-se adotar um estado da arte das normas para que cada cientista não tenha um parâmetro individual de interdisciplinaridade (TEIXEIRA, 2004).

Quanto à **‘Ciência e Epistemologia’**, essa dimensão parte da reflexão sobre a interdisciplinaridade e todos os fenômenos que estão em seu entorno, acertos, erros, ajustes, confrontos, etc. É justamente neste fluxo que se confirmam o limite, os alcances, as problemáticas e os desafios dos métodos, das técnicas e das tecnologias epistêmicas que as disciplinas aparelham para abordar os objetos científicos (TEIXEIRA, 2004).

Quanto à **‘diversidade e inomogeneidade’**, essa dimensão emerge quando Carlos (2007) argumenta que há diversas formas de interdisciplinaridade e, se há diversidades, em tese cada forma tem na sua constituição e elementos próprios. Considerar essa dimensão significa manter o estado vigilância científica quanto ao movimento que produz uma interdisciplinaridade senso comum ao qual destaca Carlos (2007) mera justaposição de conhecimentos disciplinares, de relações frágeis e sem aprofundamento.

6 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Ao se referir ao fenômeno Kitsch, Greenberg (1939) já problematizava seus reflexos na ciência. Galvão (2011) também acredita que o Kitsch reside na ciência ao considerar os textos científicos em que quase não se pode vislumbrar os *insights* dos autores, em que a originalidade é reservada às considerações finais das ideias inéditas. Ainda se visualiza as citações diretas (*ipsis litteris*), que, por vezes, correspondem a um *bricoleur* em sua essência, uma das expressões Kitsch. Além de utilizar paráfrases e fragmentos *ipsis litteris*, a ciência utiliza teorias, técnicas, tecnologias e abordagens dando a noção de bricolagem teórica e metodológica. Assim, a ciência pode se apresentar como uma colcha de retalhos, e os artigos de conclusão, monografias, dissertações e as teses são apenas simulacros como as flores de plásticos, quando as condições norteadoras/protocolares da interdisciplinaridade são ignoradas.

A interdisciplinaridade tem lugar reservado nos (inter)discursos da Ciência da Informação. Bicalho e Oliveira (2011). Souza e Dias (2011) fazem reflexões importantes sobre a interdisciplinaridade de forma epistêmica quando foca os ‘não ditos’ e os ‘silêncios’, assim fortalecendo a identidade/ unidade da Ciência da Informação, mas com ênfase na sua essência epistêmica. Essa reflexão apresenta a valor epistêmico da interdisciplinaridade ao mesmo tempo que apresenta algumas dificuldades de suas práticas científicas.

O discurso interdisciplinar tem como fundamento uma aparente homogeneidade lógica, utilizando de estratégias ideológicas em formações discursivas pautadas no *generalismo* e no *naturalismo*. Esse discurso tão propalado representa uma porta aberta ao pensamento ingênuo e a práticas supostamente integradoras, que, longe de constituir efetivas contribuições teórico-metodológicas orientadas à construção da autonomia do campo, podem estar apenas a serviço do controle de fluxos de informação e conhecimento. (SOUZA, DIAS, 2011, p. 65).

Ao destacar a interdisciplinaridade como objetivo do serviço do controle de fluxos de informação e conhecimento, Souza e Dias (2011) destacam o neorrealismo e o processo de globalização da economia. Neste sentido, entende-se que se a interdisciplinaridade não for colocada devidamente ela pode ser envolvida por um pensamento ingênuo, discursos e práticas simplistas, e não polida para o campo científico, ela vai emergir como uma representação esponja, fazendo com que a Ciência da Informação flerte com o Kitsch. O flerte começa no âmbito da oralidade como um mantra, uma característica supracitada pelos pesquisadores ao mesmo tempo que turva os ‘não ditos’ e os ‘silêncios’. A problemática mais significativa não

é sua configuração como tal, mas o seu distanciamento epistêmico quando pesquisadores reproduzem *ipsis litteris* sem aprofundamento.

Saracevic (1995), [...] dizia que a interdisciplinaridade da CI “[...] não precisa ser procurada, está lá, no âmago do próprio campo científico”. A CI é “uma área do conhecimento tipicamente interdisciplinar”, afirmam Dumond e Bruno (2003, p. 32). Gomes (2001, p. 5) diz que não é necessário refletir sobre a característica interdisciplinar da CI para confirmá-la, “porque seu próprio objeto de estudo aponta para a relevância deste seu caráter”. Targino (1995, p. 14) vai além e afirma que “diante dessa interdisciplinaridade irrefutável, a CI emerge como metaciência ou supraciência, no sentido de que [...] ultrapassa fronteiras rigidamente demarcadas para interagir com outras áreas”. González de Gómez (2001, p. 5) diz que a orientação “interdisciplinar [...]” do campo se justifica pelo “caráter estratificado de informação” e pela obrigação de “articular as dimensões do objeto informacional: semânticas, sintáticas, institucionais, infraestruturais, entre outras”. (BICALHO, OLIVEIRA 2011, p. 58-59).

Bicalho e Oliveira (2011) fazem recortes e os juntas formando uma unidade, ou seja, um olhar de recortes descontextualizados, para afirmar e reafirmar a interdisciplinaridade na Ciência da informação. Além disso, essas afirmações e reafirmações emergem essencialmente como uma demarcação identitária. Isso não é um problema, porém, ao trazer a crítica refletida sobre esta unidade de cunho identitário, um movimento epistêmico emerge, não para desvalidar os autores, mas para revelar nuances antes não vistas porque esse olhar desconfia do estabelecido consensualmente.

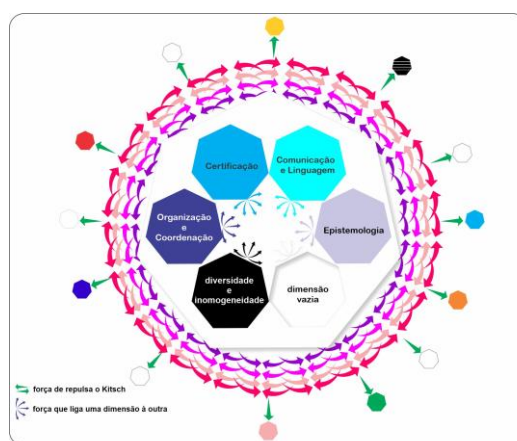
Assim, ao considerar o fragmento *ipsis litteris* de Bicalho e Oliveira (2011), pode ser interpretado por uma afirmação de ser desnecessário a procura da interdisciplinaridade no âmbito da Ciência da Informação. Saracevic (1995) acaba dispensando os agentes da Ciência da Informação de fazer qualquer reflexão sobre ela enquanto dimensão epistêmica, e, por consequência, reforça apenas sua dimensão identitária. Tal condição pode imobilizar o pensamento crítico dos agentes e, para Bachelard (1996), essa atitude pode dificultar a abertura da psique que atravança o avanço científico.

Na sentença que caracteriza a Ciência da Informação tipicamente interdisciplinar, em que afirma Dumond e Bruno (2003), o verbete exprime o julgamento de ‘ser’ e não ‘estar’ que apresenta em si problemático no campo metodológico, pois na Ciência da Informação há pesquisas monodisciplinares, transdisciplinares e multidisciplinares. Contudo, os estudos acerca deste modo de ‘ser’ pode ser inserido na intersubjetividade científica da Ciência da Informação, na qual a interdisciplinar não é o fim em si. Gomes (2001) acredita não ser

necessário refletir sobre a característica interdisciplinar da Ciência da Informação, o que reforça categoricamente o distanciamento epistemológico, assim a *psique* deve continuar fechada. Targino (1995) vai além, e afirma que a interdisciplinaridade na Ciência da Informação é irrefutável, o que denota certeza, que em demasia pode significar intimamente insegurança, algo que não está bem definido ou certificado. A incerteza tem seu valor no campo epistemológico, pois ela denota movimento constante de conhecer e de apreender, vice-versa. Por outro lado, o fragmento de Targino (1995) pode denotar também dogmatismo, um fenômeno que não cabe no novo espírito científico, pois o dogmatismo fundamenta verdades absolutas, e essas imobilizam o pensamento científico.

Gomes (2001) e González de Gómez (2001) comunga do mesmo ponto intersubjetivo quando relaciona a interdisciplinaridade à informação, quando consideram o caráter estratificado e efêmero da informação. Sendo mais uma possibilidade da ciência da informação de se ser abraçada pelo Kitsch. Saracevic (1995) é redimido epistemologicamente ao afirmar que a interdisciplinaridade é um fenômeno que se encontra em constantes transformações na Ciência da Informação, afirmação que cabe análise e reflexão epistemológica.

Esquema 3 - Interdisciplinaridade Epistêmica



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Neste sentido, se é a urgência de contextualizar a interdisciplinaridade na Ciência da Informação de forma epistemológica, objetivando o distanciamento dela do fenômeno Kitsch, deve-se considerar algumas direções reflexivas (círculos de setas), conforme o

Esquema 3. Os direcionamentos devem ser ancorados por uma abordagem sempre apoiada pelas dimensões protocolares para configurá-la epistêmica na Ciência da Informação.

Os direcionamentos reflexivos da interdisciplinaridade são: **a)** entender que ela não é um agrupamento sem critérios e reflexão (fluxo vermelho), **b)** a interdisciplinaridade pode ser mais de que uma palavra e imagem esponja (fluxo rosa claro), **c)** descortina-la do romantismo que a configura como um objeto da felicidade e do conforto (fluxo rosa) e **d)** ela é um fenômeno passível de críticas (fluxo roxo), especialmente, quando ela não está devidamente contextualizada de forma epistêmica em uma determinada pesquisa.

Ao destacar a interdisciplinaridade como um agrupamento sem critérios e reflexão suficientes, o flerte da Ciência da Informação com o Kitsch toma contornos mais definidos. Quanto ao valor da interdisciplinaridade como uma palavra e imagem esponja, o cuidado deve partir da oralidade, e, especialmente, para o cuidado nas introduções memorialísticas e identitária da Ciência da Informação, pois essas menções são sempre simplistas e reducionistas, elas economizam tempo e reflexão. Contudo, se há exigências da pesquisa de contextualizar a interdisciplinaridade nas introduções memorialísticas, deve-se deixar claro o valor epistêmico da interdisciplinaridade na Ciência da Informação ao mesmo tempo que se faz uma descrição indenitária. Quanto ao romantismo que a configura a interdisciplinaridade como um objeto da felicidade e do conforto, a estrutura romântica é a oposição à razão, tendo como ponto transversal o conforto em sentir-se à vontade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Kitsch atravessar a Ciência da Informação se apropriando da interdisciplinaridade para prosperar. Não existe um projeto dos agentes da Ciência da Informação de promover o Kitsch em seu campo, ele é refletido sobre as (inter)subjetividades destes agentes de forma inconsciente, visto o contexto em que estamos inseridos.

Visualizando tais aspectos, é preciso considerar os protocolos sincrônicos da atual conjectura que conduzem a interdisciplinaridade, mas visualizando os novos, isso porque a interdisciplinaridade está em constantes transformações, fato que requer constantes olhares e análises para que a interdisciplinaridade que não se perca nos processos metamorfoicos internos e externos. Os protocolos sincrônicos têm em sua estrutura a intersecção dos aspectos técnicos, teorias e epistemológica que permitem pôr em execução a crítica e a

vigilância científica na produção dos objetos científicos, assim afastando a Ciência da Informação de forças contrárias do Kitsch.

O Kitsch emerge por meio de três fatores, o agrupamento sem critérios e reflexão, e quando isso ocorre ela toma *status* de palavra e imagem esponja, o segundo fator, que é uma representação simbólica e estética que apenas delimitam a identidade, deixando a força epistemológica a margem. O agrupamento e a representação, juntas promovem o terceiro fator, o romantismo sobre a intersubjetividade como um objeto da felicidade. Ao delimitar o Kitsch na Ciência da Informação, ele emerge como uma sombra, quando interdisciplinaridade é mal colocada através dos fatores citados.

REFERÊNCIAS

AUMONT, J. **A imagem**. São Paulo. Editora Papirus, 2012.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. Lisboa: Litoral, 1989.

BICALHO, L.; OLIVEIRA, M. A teoria e a prática da interdisciplinaridade em Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 16, n. 13 p. 47-74, jul./set. 2011. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1245>. Acesso em: 1 fev. 2019.

CANAU, J. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CARLOS, J. G. **Interdisciplinaridade no Ensino Médio**: desafios e potencialidades. Dissertação. (Mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade de Brasília, 2007.

DAMASCENO, H. L. C. Memes e narrativas em tempos de pandemia da Covid-19: um estudo analítico. **Folha de Rostto**, v. 6, n. 2, p. 119-135, jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderostto/article/view/527/472>. Acesso em: 6 abr. 2021.

DUMOND, L. M. M.; BRUNO, P. P.C. CI e oportunidade de diálogo intertemático: onde nem tudo é relativo e nem (absolutamente) racional. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 8, n. 1, p. 28-39, 2003. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/46139>. Acesso em: 19 ago. 2021.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **Data grama zero – revista de Ciência da Informação**, v. 1, n. 6, out. 2000. Disponível em:

<https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/127/1/GomesDataGramaZero2000.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2021.

GOMES, H. F. Interdisciplinaridade e Ciência da Informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. **Datagramazero**, v. 2, n. 4, 2001. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/44608>. Acesso em: 19 ago. 2021.

GREENBERG, C. Vanguarda e kitsch. In: FERREIRA, G.; MELLO, C. C. **Clement Greenberg e o debate crítico**. Rio de Janeiro: Funarte Jorge Zahar, 1997.

HARTE, G. NEWTON, T. GREEN BUSINESS: TECHNICIST KITSCH? **Journal of Management Studies**, Cambridge, n. 34, v. 1 jan. 1997. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1467-6486.00043>. Acesso em: 6 abr. 2021.

KAESER, E. Science kitsch and pop science: **Public Understanding of Science**, v. 22, jun. 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0963662513489390?journalCode=pusa>. Acesso em: 24 jun. 2020.

MASINI, E.F.S. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação In: FAZENDA, I. (org). **Metodologia da pesquisa educacional**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MENDES JÚNIOR, J. N.; FERREIRA, M. C. ANÁLISE COMPREENSIVA: Conceito e método. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, n. 1, p. 21-35, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4814>. Acesso em: 1 fev. 2020.

MOLES, A. **O kitsch**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

SALES, O. M. M.; ALBUQUERQUE, M. E. B. C.; BENTES PINTO, V. O conceito de representação no contexto da Ciência da Informação: uma revisão sistemática da literatura. **Revista de Saúde Digital e Tecnologias Educacionais**, Fortaleza, v. 3, número especial, p. 70-81. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/resdite/article/view/39753>. Acesso em: 20 jun.2021.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>. Acesso em: 20 jun.2021.

SÊGA, C. M. P. O Kitsch Está Cult. In: ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 4, 2008, Salvador. **Anais [...]** Salvador: UFBA, 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14159.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2021.

SOUZA, A. R. SANTIN, D. M. SCHARDONG, S. Z. Mapeamento temático da produção científica do programa de pós-graduação em neurociências da UFRGS: 1998-2010. In: SEMINÁRIO

NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (SNBU), 17., 2012, Gramado. **Anais eletrônicos...** Gramado: UFRGS, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/61066>. Acesso em: 20 jun. 2021.

SOUZA, E. D.; DIAS, E. J. W. A integração disciplinar na ciência da informação: os não-ditos sobre essa familiar desconhecida. **Ciência Da Informação**, Brasília, v. 40 n. 1, p.52-67, jan./abr., 2011. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1324>. Acesso em: 19 jun. 2021.

THÁ, F. Representação e pensamento na obra freudiana: preliminares para uma abordagem cognitiva. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, Jan. 2004
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/ww4JRfhWWnDLyDHxDRs9yYF/?lang=pt>. Acesso em: 19 jun. 2021.

TARGINO, M. G. A interdisciplinaridade da ciência da informação com área de pesquisa. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 5, n. 1, 1995. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/targino-ici-pdf-free.html>. Acesso em: 18 jun.2021.

TEIXEIRA, O. A. Interdisciplinaridade: problemas e desafios. **RBPG. Revista Brasileira de Pós-Graduação**, n. 1, jul. 2004. Disponível em: <http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/22>. Acesso em: 21 dez. 2021.

WAJNMAN, S. “Forma” Kitsch e teoria pós-moderna. *In*: XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 14, 1996, Londrina. **Anais [...]** Londrina, 1996. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/14ebf240799aaebd92e6c316903e56b6.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2021.